INFORMATIVO ONLINE APUR

ESPECIAL - Cruz das Almas (BA) - 03 de Agosto de 2015 - www.apur.org.br

DOCENTES DA UFRB FAZEM ATO EM DEFESA DA UNIVERSIDADE

DOCENTES DA UFRB FAZEM ATO EM DEFESA DA UNIVERSIDADE

Embalados pelo grito uníssono "A pátria não é educadora, mas a greve sim!" e munidos com suas faixas e bandeiras, os docentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) fizeram um ato em defesa da universidade e contra os cortes de verbas.

Assim que terminou a assembleia na sexta-feira (31), os docentes fizeram uma pequena marcha até o prédio da reitoria onde aconteceria a posse do novo reitor e da vice-reitora. De forma respeitosa, porém enfática e vibrante, os docentes mostraram a disposição em lutar por uma universidade pública de qualidade, e que não vão ficar calados enquanto o governo anuncia cortes de verbas na educação, em particular os cortes na UFRB que chegará a 12 milhões, e já anunciam os problemas que vão causar (readequação de cargos terceirizados, redução de diárias e passagens, redução no número de estagiários, auxílio moradia para servidores, entre outros).

Ao que tudo indica, o novo reitor da UFRB, Silvio Soglia, também foi contagiado com a disposição de luta dos docentes em greve. Em seu discurso de posse, o reitor fez uma saudação especial a "todos aqueles que estão firmes e engajados na luta pela nossa universidade". Silvio Soglia, ainda que rapidamente, também falou sobre os cortes: "Dizer que o Recôncavo e esse reitor também exigem os 12 milhões. Esse reitor é também contra os cortes de verbas".

O RECÔNCAVO EXIGE OS 12 MILHÕES
RETIRADOS DA UFRB
SÓ SE FOR COM QUALIDADE

A GENTE QUER SALÁRIO, EDUCAÇÃO E ARTE!

APUR
ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DO RECÔNCAVO

É EDUCADORA,
SIM!

APUR
ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DO RECÔNCAVO
SIM!

EXPANSÃO NO ENSINO SUPERIOR?
SÓ SE FOR COM QUALIDADE

EXPANSÃO NO ENSINO SUPERIOR?
SÓ SE FOR COM QUALIDADE

Docentes da UFRB contra os cortes de verbas
Em defesa da Universidade Pública
APUR

O RECÔNCAVO EXIGE OS 12 MILHÕES
RETIRADOS DA UFRB
Docentes da UFRB contra os cortes de verbas
Em defesa da Universidade Pública
APUR

EXPANSÃO NO ENSINO SUPERIOR?
SÓ SE FOR COM QUALIDADE

EXPANSÃO NO ENSINO SUPERIOR?
SÓ SE FOR COM QUALIDADE

APUR
ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DO RECÔNCAVO

APUR PARTICIPA DA CERIMÔNIA DE POSSE DA NOVA REITORIA DA UFRB

Na pessoa de seu presidente, o professor Antonio Eduardo Oliveira, a Associação dos Professores Universitários do Recôncavo (APUR) participou da cerimônia de posse da nova reitoria da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), ocorrida na última sexta-feira (31). Quando lhe foi franquiada a palavra, o presidente da APUR fez questão de falar que os docentes estão em greve em defesa da universidade e contra os cortes da educação. A seguir, a fala do presidente:

"Gostaria de saudar aos professores que estão em greve, participando de uma mobilização em defesa da universidade. Eu gostaria de ressaltar o seguinte. Primeiramente, que a APUR, juntamente com o CCE e a ASSUFBA, realizou uma consulta para ouvir democraticamente a comunidade, e ali estão esses representantes escolhidos pela consulta. Mas a APUR deseja que essa seja a última consulta da UFRB, que, através da estatuinte e através da mobilização na universidade, nós consigamos ter eleições diretas na universidade. Nós gostaríamos também de pautar que essa universidade é uma construção coletiva, é um sonho, é um desejo da comunidade, é um desejo da população aqui do Recôncavo. É um desejo e uma construção, uma realidade nesses 10 anos, pelos professores, pelos servidores técnicos, pelos estudantes e pela comunidade em geral. Esse sonho faz 10 anos, é uma realidade. Entretanto, esta realidade está ameaçada, esta universidade recebeu um corte de 12 milhões. E o professor Paulo, que foi reitor dessa universidade, nesse momento está lá no MEC, tem que levar um recado para Brasília, levar o recado que a UFRB não vai se calar, que a UFRB não vai permitir que esse sonho vire pesadelo. Nós temos que demonstrar que nós estamos aqui para defender a população do Recôncavo, para defender nossas pesquisas e nós não vamos virar o escolão como o ajuste fiscal quer que nos tornemos. Então companheiros, o recado que nós queremos dizer é que nós estamos aqui para parabenizar a universidade pelos 10 anos, e ficarmos alertas, mobilizados contra o corte de verbas. A APUR está disposta a participar da luta junto com a reitoria por uma boa gestão política-administrativa, mas, para isso, é necessário que o reitor, a vice-reitora, os pró-reitores, os diretores de centro, os administradores, gestores e toda a comunidade se unam contra os cortes de verbas. Vamos colocar, o que é uma boa reitoria? É fazer restaurante universitário, é dar o mínimo de 8 horas em sala de aula para os professores, é dar as 30 horas para os servidores. Por fim, esse é o nosso desejo, vamos defender a UFRB, parabéns a todos nós!"

Além da posse do reitor Silvio Soglia e da vice-reitora Georgina Gonçalves, na cerimônia também foram apresentados os novos pró-reitores.

ASSEMBLEIA DOCENTE APROVA CONTINUIDADE DA GREVE

Em assembleia na sexta-feira passada (31), os docentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) aprovou, por unanimidade, a continuidade da greve. Além dessa decisão, os professores também aprovaram a sugestão do Fórum dos Servidores Públicos Federais de levar uma contraproposta de reajuste salarial para a mesa de negociação com o governo, desde que isso não signifique o fim do movimento grevista e que sejam discutidos e negociados os demais pontos da pauta de reivindicação. Isso porque os docentes entendem e defendem que o reajuste salarial é uma questão secundária diante de reivindicações como, por exemplo, reversão dos cortes na educação e a questão da carreira docente.

A assembleia, na verdade, foi o atendimento ao encaminhamento do Comando Nacional de Greve (CNG) que solicitou que as assembleias de base avaliassem o estudo da contraproposta do Fórum dos SPF. O estudo apontou uma contraproposta de índice de reajuste salarial linear de 19,7% em única parcela para 2016. Segundo o comunicado do CNG, tal cálculo levou em consideração a inflação acumulada desde 1º de julho de 2010 até junho de 2015.

No entendimento da assembleia dos docentes da UFRB, é adequado que o Fórum apresente sim uma contraproposta ao governo para que as negociações evoluam. O professor Francisco Fadigas lembrou que já houve duas negociações em Brasília, mas que nas duas oportunidades o governo apresentou a mesma proposta ruim, que amplamente rejeitada. A proposta a qual o professor se referiu foi a de reajuste de 21,3% parcelado em quatro anos, sendo 5,5% em 2016; 5,0% em 2017; 4,75% em 2018 e 4,5% em 2019.

Ressalte-se que, na proposta do governo, as perdas inflacionárias do período anterior a 2016 são desconsideradas e ainda aponta projeções de inflações futuras, todavia sem qualquer reposição dos indicadores de inflação para os quatro anos seguintes.

Como já foi colocado, a aprovação da contraproposta do Fórum dos SPF, no entanto, foi condicionada ao não abandono dos demais pontos da pauta de reivindicação, em especial a luta contra os cortes de verbas na educação. Nas palavras do professor Luiz Paulo de Oliveira, “essa greve tem uma dimensão política importante da qual não podemos abrir mão. O reajuste na mesa de negociação não pode estar desassociado dos outros pontos da pauta”, defendeu o professor.

Um motivo que levou a assembleia a aprovar a contraproposta do Fórum dos SPF foi a importância de manter a unidade. A professora Ana Cristina Givigi falou da importância de se construir a unidade apesar das divergências. Em sua visão, se não houver lealdade com a unidade o movimento grevista não vai conseguir seus objetivos. Respondendo a possível afirmação de que levar uma contraproposta seria se rebaixar, a professora foi enfática ao afirmar que rebaixado é não estar na construção.

A assembleia também contou com a presença da representação da ASSUFBA, o servidor Elielson Aquino, da Oposição Cutista na APLB, o professor Willam Lordelo e do SINPAF (seção Cruz das Almas), Orlando Silva; que manifestaram apoio à greve dos docentes da UFRB. Uma nova assembleia foi marcada para a esta quinta-feira (6), no Centro de Ciências da Saúde (CCS), em Santo Antônio de Jesus. Na oportunidade, haverá um café da manhã da greve e uma caminhada ou panfletagem pela cidade.

DOCENTES DA UFRB
EM GREVE

DEZ ANOS DA UFRB

Herbert Toledo Martins
Ex-Presidente da APUR
Diretoria da APUR – GESTÃO: APUR PELA BASE

Quando se pensa que existem Universidades com mais de mil anos espalhadas pelo mundo, o fato de estarmos completando apenas dez anos se torna um privilégio. Um privilégio geracional, pois somos os responsáveis pela fundação dos pilares sobre os quais advirão as próximas gerações. Temos em nossas mãos a tarefa de moldar e consolidar os princípios que nos guiará na caminhada rumo ao futuro que queremos tod@s, seja grandioso.

Aqui existe a possibilidade concreta de experimentarmos o projeto político de uma Universidade que pensa e constrói a nação brasileira, uma Universidade dos/as trabalhadores/as e para os/as filhos/as dos/as trabalhadores/as e as populações negras e pobres do país. Parto das condições concretas, as quais os dados oficiais confirmam, a nossa comunidade é composta na sua grande maioria por filhos/as da classe trabalhadora, em todos os segmentos. O que não significa claro que os mesmos expressem politicamente as ideias da classe a qual constitui, uma vez que sofrem ação direta na sua formação da ideologia dominante.

No entanto, esse conjunto carrega consigo algo comum independente de suas vontades, o que na minha avaliação é determinante, se encontram no mesmo lugar no processo de produção e reprodução da vida, e sofrem das mesmas dores resultantes desta relação de produção. O entendimento disso me provoca alguns questionamentos práticos para aqueles que reivindicam, considerando a matriz capitalista, a melhoria da qualidade de vida dos/as trabalhadores/as: como estamos trabalhando a formação dos/as trabalhadores/as, uma vez que trabalhamos num espaço formal de produção e reprodução ideológica? Como estamos enfrentando a ideologia dominante? Qual tem sido a alteração significativa que estamos promovendo na formação dos/as filhos/as da classe trabalhadora que passa pela UFRB, do ponto de vista da emancipação dos/as trabalhadores/as?

Ainda que eu considere importantíssimo o acesso da classe trabalhadora ao ensino superior, à ciência e a tecnologia, pois reconheço que com a elevação do padrão cultural e formação profissional o/a estudante possa promover uma mudança necessária na condição de sobrevivência imediata da sua família, porém avalio que é insuficiente. Desconfio que na sua generalidade, ao sair da UFRB os nossos estudantes saiam mais afastados politicamente da sua classe em si do que quando entraram.

A Universidade, neste caso, pode ser espaço de contra hegemonia, de geração de outros modos de pensar, de novos procedimentos e propostas de ensino e pesquisa e de intensa extensão, de modo que os/as trabalhadores/as não seja o 'público' escolhido, mas agentes reais de construção e participação. Trata-se, portanto, de construir e gestar uma Universidade cujo projeto auxilie na alteração objetiva das condições de vida dos/as trabalhadores/as. Eis aqui a possibilidade de articular construção da soberania da nação e Universidade.

A contribuição da Universidade, neste caso, é a de formar consciências, forjar mentalidades capazes de reagir ao avanço das forças políticas conservadoras da sociedade brasileira, inclusive as que estão no governo, por entender que as ideias e propostas conservadoras não interessam e nem contribuem com a emancipação dos/as trabalhadores/as. Nenhum passo atrás de tudo aquilo que foi conquistado pelos/as trabalhadores/as.

A nossa experiência democrática deve ser radical, que os/as nossos/as estudantes apreendam a importância das decisões democráticas e participativas exercendo a mesma no período em que estão na Universidade. Neste sentido, é preciso compreender, por exemplo, que a política de expansão das IFES no Brasil se desenvolve em contradição com as conquistas históricas dos/as trabalhadores/as, ela se dá precarizando as carreiras, atacando a previdência, privatizando e terceirizando serviços, e retirando outros tantos direitos.

Esse é o preço para a entrada dos trabalhadores no ensino superior? Que a ideologia liberal do "ajuste fiscal" seja rechaçada em todas as suas manifestações por não interessar aos trabalhadores/as. Assim, as mudanças essenciais na UFRB não podem acontecer isoladas de dentro para fora, sem uma modificação significativa na política econômica externa à Universidade e do seu modelo "mercado imobiliário" de gestão, todas as experiências inclusive as positivas tendem a fracassar por ausência de condições objetivas de implantação e sequência.

Não conseguiremos construir uma Universidade de qualidade para os/as trabalhadores/as do Recôncavo da Bahia e do país, com esta política atual e, pior, sem enfrentá-la. Por tudo, reconheço a importância das lutas em defesa da UFRB, hoje representada na luta do movimento docente e da nossa APUR. Não podemos dissociar as lutas formais e pontuais das conquistas essenciais, por isso comemoramos em luta os 10 anos da nossa UFRB, e exigimos a reversão dos cortes no orçamento da Universidade.

A GREVE DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS E A FRENTE AMPLA DE ESQUERDAS

Diogo Valença de Azevedo Costa
Professor de Sociologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

As universidades brasileiras, federais e estaduais, estão em greve. O movimento envolve servidores técnico-administrativos e docentes. A luta não é apenas por aumento de salário e melhores planos de carreira. Acima de tudo, é a defesa da universidade pública e de qualidade, pelo avanço da pesquisa científica original, que os servidores das duas categorias resolveram cruzar os braços. A pauta de reivindicações é ampla e diz respeito a diversos aspectos da vida acadêmica e universitária.

O país optou por financiar o ensino privado, nos diferentes níveis, com dinheiro público. A luta contra a privatização da educação é antiga e remonta a meados do século passado, quando eclodiu a Campanha em Defesa da Escola Pública (1961). O mais grave, porém, é que não estamos caminhando apenas para a privatização da educação, mas nos submetemos a um padrão dependente de desenvolvimento cultural, tecnológico e científico. Segundo afirmação desastrosa de um ex-ministro da educação, importar conhecimento já produzido é mais barato do que construir condições para um desenvolvimento intelectual autônomo.

Não apenas barganhamos nossos recursos naturais e vendemos nossas forças de trabalho por um custo menor para as grandes multinacionais. Negociamos o nosso futuro como nação por uns trocados a mais e rebaixamos o valor de nossa educação pela importação de modelos institucionais, organizacionais e tecnológicos pré-fabricados pelas nações centrais. Isso quer dizer que as questões postas pelas greves das universidades brasileiras são mais gerais e refletem as possibilidades de democratização da nossa sociedade via democratização do conhecimento.

É nesse sentido que as greves das universidades brasileiras devem intensificar esforços de se associar à construção de uma Frente Ampla de Esquerdas. Tal construção já está em curso, tendo emergido dos movimentos sociais mais radicais de luta pela reforma agrária e por uma política habitacional digna. O objetivo da Frente seria político, mas não eleitoreiro. Os seus principais adversários seriam o conjunto do empresariado vinculado ao grande capital internacional, à especulação financeira e à superexploração da força de trabalho. No caso brasileiro, país de origem colonial e de tradição escravocrata, essa Frente deveria também incorporar a luta dos jovens radicais, dos movimentos negros e feministas, contra o paternalismo, o racismo e o patriarcalismo imperantes em nossa sociedade. Todas essas dimensões são fatores de reforço da dominação política dos setores conservadores e devemos incorporar todos esses elementos de revolta numa perspectiva anticapitalista.

Estamos enfrentando uma das mais terríveis ofensivas conservadoras no plano político, que hoje se revela de maneira concentrada no parlamento e no judiciário. As manobras pela aprovação da redução da maioridade penal e as mudanças no estatuto da família são bons indicadores desse quadro histórico desfavorável para as forças progressistas do País. Há uma grave ameaça ao nosso precário estado democrático de direito, com ampla mobilização de setores reacionários e conservadores da sociedade civil, das elites das classes dirigentes e dos setores médios a elas subordinados.

O quadro é grave e a situação exige que os diferentes setores da esquerda sejam capazes de deixar de lado suas divergências doutrinárias, a fim de construir uma necessária unidade de lutas das classes trabalhadoras e demais camadas subalternas. Os servidores das universidades federais dariam um bom exemplo se começassem agora a intensificar seus esforços de aproximação com os movimentos sociais de luta pela reforma agrária e pela democratização da moradia. Essa ponte de aproximação com os movimentos sociais já existe, é preciso agora reforçá-la. Ou fazemos isso, ou as greves das universidades brasileiras jamais serão capazes de furar o boicote dos meios de comunicação da massa e dos partidos políticos conservadores.

O caminho para o País não são greves localizadas, de categorias específicas de trabalhadores. Essas greves são importantes e ajudam a manter viva a chama da luta. O movimento que começa a se esboçar entre os petroleiros, pela defesa do pré-sal e da Petrobrás, sinaliza para uma ampliação das possibilidades de contestação política. O que os servidores das universidades federais poderiam fazer agora seria o esforço de construção com diversas categorias de trabalhadores, dos setores público e privado, a fim de edificar um projeto alternativo de nação, para o conjunto do povo brasileiro e não para uma rala minoria dos mais ricos e poderosos.

A Presidenta, o leme e o Ministro

José Raimundo de J Santos Professor UFRB-CFP
Em cumprimento aos desejos do Jaspion: Em Greve!

Esta história deve ter acontecido assim... Em um país dos sonhos, denominado Atlântidas, a Presidenta após a vitória do segundo mandato e já na fase de montagem da equipe, resolve convidar um intelectual de renome para compor sua equipe à frente ao ministério da educação. Desta forma, dirige-se ao camarada Jaspion e faz o convite;

- Jaspion! Será: Atlântidas Educadora! você já imaginou isso no nosso país? As possibilidades que teremos de promover uma revolução cultural gramsciana, onde o acesso à educação será universalizado e assegurado por nossas riquezas naturais. Iremos preservar a cultura e desenvolver a ciência, dando-lhe um caráter universal e distributivo. Você terá a possibilidade de implementar aquilo que no Brasil o baiano Anísio Teixeira idealizou, o Darcy Ribeiro tentou implementar, o Naomar Almeida renomeou, ou seja, você, Jaspion, será o responsável por uma nova reforma na educação superior, aquela que de fato será transformadora.

Diante de tantas proposições e da perspectiva de compor o panteão dos reformadores da educação superior. O intelectual envaidecido na sua humildade acadêmica, resolve aceitar. No que a Presidenta disse;

- Jaspion, você será o capitão da Nau mais importante deste governo, se você naufragar, todos morreremos pois estaremos juntos no mesmo barco!

Assim o Jaspion foi para a posse como Ministro, mas antes solicitou ao motorista que passasse pela porta do ANDES-Sindicato Nacional. Lá chegando, solicitou que parasse distante e, mentalmente, fez uma oração: *"que os professores compreendam este processo transitório, a escassez de recursos, a falta de investimentos em infraestrutura, a redução de direitos, pois, assim, teremos como ampliar o número de campus e IES, aumentar o quantitativo de matriculas e, nos aproximarmos dos nossos vizinhos latino-americanos em número de jovens de 19-24 anos regularmente matriculados no ensino superior".* E já retomando o caminho do Palácio do Planalto, esboçou com firmeza, como se quisesse ouvir dizendo: *-A Presidenta estará ao meu lado no timão desta grande Nau.*

Chegando ao local da posse, observou que todos o olhavam, alguns o cumprimentaram com os olhos e ou acenos tímidos com a mão. Mas, diante da copa e segurando um jornal, uma senhora lhe perguntou se ele sabia nadar. Não entendeu o questionamento, mas não havia tempo para tergiversações. Meses após a posse e já com plena consciência do que o aguardava, dirigiu-se para uma reunião no MPOG. Saindo solicitou ao motorista que mais uma vez passasse pela porta do ANDES e parasse distante. Nesta ocasião mentalizou: *"FAÇAM GREVE! FAÇAM GREVE! Por favor, pelo amor a ciência."* Nos próximos dias e meses tornou o trajeto e a parada obrigatória e, a mentalização, por vezes, foi dita em voz alta e completada: "*não temos recursos, façam greve ou fecha!!!"* esbravejou para si e, contou com a cumplicidade do motorista, que àquela altura perguntou ao ministro: *"o senhor sabe nadar*? Chegamos senhor Ministro." Desce abre a porta e o Jaspion, mais uma vez dirige-se ao MPOG, com uma pasta onde se lia, "Brasil! Pátria Educadora." Sai da reunião com uma ficha com uma grande interrogação.

Dirige-se à Presidenta, que o conduz até um grande navio, onde estavam diversas pessoas e órgãos associados à educação dizendo-lhe:

- Jaspion você tem a responsabilidade de conduzir este navio com segurança ao porto mais seguro do nosso país, a Educação, passo-lhe o timão e as orientações contidas nesta carta náutica a mesma que orientou os grandes navegadores. Lembre-se, confio em você e mesmo que esteja distante estarei com você.

Assim, Jaspion ordenou que o navio fosse desatracado e ganhasse o oceano, mas então lembrou-se de perguntar o destino, quando ouviu a Presidenta responder: - *"Porto de BRASÍLIA".* Curioso e pensativo com tudo que havia passado naqueles últimos meses, ordenou ao imediato; - *Direto rumo ao Porto de Brasília.* Quando ouviu do imediato que em Brasília não tem mar. Olhou para trás e viu nossa Presidenta acenando com algo na mão, focou os olhos e percebeu que o leme do barco estava com o Ministro do MPOG e a bussola com a Presidenta. Neste instante ouviu algumas vozes em botes salva-vidas gritar; -*"nós iremos te resgatar! Aguarde!"* Neste instante lembrou daquela senhora e do motorista, quando perguntaram-lhe se sabia nadar. A resposta é: NÃO!

AFIRMAR A UNIVERSIDADE. QUEERIZAR A POLÍTICA

Por Kiki Givigi
Professora do CFP

O argumento de que a UFRB é jovem e precisa de tempo para amadurecer tem se tornado um esconderijo dos modos de operação da política no Recôncavo da Bahia. Sabe-se que o coronelismo produziu marcadores poderosos nesta região, cujos registros da política de casa grande e senzala se multiplicaram em sujeitos tatuados por relações de trabalho informais, subsunção da raça (agressivo embranquecimento), catequese, violência de gênero, dentre outros. Embranqueceu e, quando menos, binarizou a política reforçando os modos hegemônicos de entender o poder. Por outro lado, produziu sujeitos cujas experiências incontáveis e 'incontroláveis' não são cabíveis nos modelos do coronel branco-machista-heterossexual.

Neste emaranhado é como se a UFRB caísse como pedra volumosa no coração do Recôncavo. Desarticulou, é verdade, arranjos políticos poderosos que garantiam a dês-educação e desigualdade, gerando perspectivas aos/as jovens e famílias no interior da Bahia. Neste sentido, irritou àqueles/as que se pretendiam perpétuos/as; leia-se a elite local e as táticas patrimonialistas. Mas, parou por aí quando timidamente deixou-se à fazer funcionar o velho modo de educar e não teve potência (ainda!) para 'aliançar-se' àquilo que há de singular nas terras da ancestralidade.

Esperava-se que, como universidade no interior, legitimamente constituída de jovens negros/as, se tornasse audível às línguas emudecidas pelo poder. Mas o sonho do 'acesso' não se traduziu em políticas de permanência com qualidade, antes as reduziu, muitas vezes, à assistência (necessária, mas não suficiente) e aos programas governamentais que lhe garantem entrada e saída nas portas do Ministério da Educação, à custa da subserviência aos ditames estatais.

È bem verdade que temos pesquisadores/as engajados/as, produtivos/as e dedicados a fazer aquilo que o estado não faz sem o esforço individual ou coletivo dos/professores/as e servidores/as. Captamos recursos, coordenamos programas e até arriscamos extensão, mesmo sem laboratórios adequados, locais de convivência, restaurante universitário, dentre outras coisas. Mas, isto não se traduz ainda em uma política institucional em que a diversidade não seja apenas uma oposição à uniformidade. Ou seja, operamos os códigos idealistas e binários, entre o bem e o mal.

Não são poucas às vezes em que, na crise, somos propulsores da antiga sustentação deste modo hegemônico de viver que se ancora na armadilha do dilema 'quem não é por mim, é contra mim'. Contemporaneamente, o governo e a esquerda morenista tratam assim a crise. De um lado, o governo ameaça o povo com a o lançamento da culpabilidade da crise em suas costas e, de outro, parte da esquerda vacila entre a oposição às políticas de saque à educação e a aliança com a direita que quer o impeachment da presidenta Dilma. Parte da esquerda assombrada pelo fantasma de Aécio e outra parte escondida em sua vontade quase erótica de ver o partido dos trabalhadores na sarjeta (se é que ainda não o está), não sabe fazer política afirmando a vida e os direitos. Política torna-se, então, o lugar da falta, da negação e da tristeza... haja Édipo para explicar as táticas dos revolucionários e dos reformistas!

Quase chegamos a acreditar que precisamos colaborar para que a crise não se agrave, compreendendo o momento de cortes. A UFRB, nesta jogada de cortes da educação, ainda sofre de 'sulismo': não se encontra às práticas potentes e criativas das populações nordestinas e não consegue imitar os códigos do sul, que, pensa (equivocadamente) lhe daria ascendência. A conclusão parcial pode ser um desastre: não produz conhecimento com as virtudes locais e nem encosta no placar das escalas das universidades que parece querer imitar. Com isso, a pauta da diversidade transforma-se num apanágio 'natural', ao invés de uma construção de embaralhamento dos códigos.

Em 10 anos a UFRB não embaralhou códigos da inteligibilidade para construir outras metodologias, outras políticas e outros modos de conhecimento (onde faria diferença!). A UFRB não conhece o plural e descamba para reforçar, ora estratégias do 'bem', ora estratégias do 'mal'. Não é a toa que não sabe lidar com as estratégias de intermezzo, para as quais não há início e fim, e sim atravessamentos.

A política entre o bem e mal se torna o código dos consensos sintéticos, garantindo o funcionamento do modus operandis do estado. Não importa a este modo de operar as radicalidades de travessia, os rasgos, as táticas anarquistas e os coletivos minoritários. Não é a toa que a pauta de gênero e sexualidade não ocupou as preocupações das gestões de forma enfática, reduzindo-se às iniciativas, até interessantes, mas sem investimento e institucionalização.

Neste espaço político de construção, reforçamos o que nos mata. Utilizamos. E o útil é o que tem valor. O que tem valor é a mercadoria. Vendemos a mesma linguagem com roupagem nova, mas o modo de produção é o mesmo. Basta despir-se para vermos que este funcionamento tem um programa prévio, não constitui a pauta e os sujeitos na luta: eles já estão lá, missionários, aguardando o apito para rolar a bola. Comprando um programa de metas governamentais a UFRB enquadra-se, repete, elimina a diferença.

Mas, há sempre algo que foge. Sempre há linguagens dispersas que se constituem na luta, nas quedas, nas caminhadas e que, agenciadas, rasgam e borram as fronteiras da política denunciando os limites do pensável e classificável. È neste tom que há potência. È ali, queerizando os sentidos que movem a política e deslocando os significados que há esperança construtiva de novos significantes e a-ssignificantes. Na prática, investimentos em linhas especiais de pesquisa, ações pedagógicas que quebrem as paredes das salas de aula, promoção de encontros em espaços ainda por existir, greves, ouvidos à população negra e indígena, só para começar. Queerizar a política é desfazer os assujeitamentos e gerar sujeitos em transito, nômades, mas tensionadores de uma universidade que não tenha coronéis. Uma universidade de afirmação e vida, onde educação seja o local da questão, das desestabilizações, do perturbado, do errático e do constituir-se sempre.

ATIVIDADES DE GREVE

Depois que saiu nosso último boletim, além da assembleia e do ato em defesa da universidade, os docentes da UFRB já realizaram mais atividades da greve. Na quinta-feira (30), foi realizada atividade de greve em de Cruz das Almas, abarcando os centros CETEC e CCAAB, com a presença do diretor do CETEC, Denis Petrucci, que discutiu sobre a situação do centro e apresentou algumas das demandas. Os representantes do Comando Local de Greve (CLG) apresentaram os informes sobre a greve e sobre a situação orçamentária da UFRB. Muitos docentes fizeram questionamentos relevantes sobre a greve e sobre as condições de trabalho do centro, aproveitando a presença do CLG e do diretor.

Ainda na quinta-feira, houve uma reunião unificada entre docentes, trabalhadores terceirizados e estudantes no Centro de Formação de Professores (CFP). Na oportunidade, foram discutidos os cortes no orçamento da UFRB. Os presentes reafirmaram a defesa dos empregos e a melhoria nas condições de trabalho no CFP. Uma nova reunião unificada foi marcada para a próxima sexta-feira (7), às 14 horas.

ERRATA SOBRE REUNIÃO DO CONAC

Diferente do que está expresso no Informativo Online da APUR Nº 17, o Conselho Acadêmico da UFRB (CONAC) deliberou pela criação de uma comissão especial que irá levantar as consequências da possível suspensão do calendário acadêmico 2015.1. Este estudo será apresentado posteriormente ao conselho que, em nova reunião, decidirá sobre o tema. Em tempo, informamos que a versão online do informativo da APUR já foi atualizada.

VITO GIANOTTI, PRESENTE, PORRA!

Homenagem póstuma (*1943 - +2015)

Vito se foi. Italiano da Toscana de nascimento, brasileiro de coração e luta, aqui chegando em 1964, viveu em São Paulo e Rio de Janeiro. Militante e comunicador, Vito nos ensinou muito sobre jornalismo, escrita, arte e política. Atuou com intensidade no movimento sindical, na Oposição Sindical Metalúrgica -SP, na Central Única dos Trabalhadores e fundou o Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), junto a outros/as companheiros/as. Nesses 20 anos de existência, o NPC exerceu um papel fundamental, coordenou a criação de sites, jornais, rádios livres, TVs, mídias diversas por todo Brasil, desenvolvendo linguagens minoritárias e contra hegemônicas.

Conheci Vito no final da década de 80, ainda jovem. Aquele homem grande, que andava comendo nabos e dizendo 'avante porra', ensinou-me sobre movimento sindical, oposição em dias sombrios, alegria na militância e vida abundante. Eu era jornalista recém formada e militante feminista e acreditava na possibilidade de dias melhores e hoje junto-me àqueles que com ele aprenderam: sindicalistas, trabalhadores/as, partido, movimento sem terra, comunistas, e tantos/as de outros movimentos sociais.

Alegria e desejo. Quem o conheceu, discutiu ou passou por ele sabe do que estou falando. Aprendi também com Vito que o desejo não é um subproduto da vida produtiva, mas um ingrediente necessário para combater causas abomináveis. Vito era desejo puro, fleuma e poesia davam o tom de sua militância aguerrida, incansável e potente. Não tinha vergonha do amor e nem achava um erro chorar.

Vito criou, junto a outros/as, vacúolos de comunicação importantes num mundo hegemonizado por códigos vestidos de neutralidade. Ele tinha 'lado' e denunciava abertamente as tramas do jornalismo 'vendido' e a astúcia de um regime de produção de verdades surdo às minorias. Não poupava 'palavrões', gritos e explicações para dizer que era possível lutar e avançar. Ele era daqueles que quando as coisas esquentavam... ele atiçava ainda mais fogo bradando a IV Internacional. Acreditava que a radicalidade legitimava os sujeitos e exibia suas estratégias. Nada de recuos, Vito sempre ia adiante.

Ganhamos Vito – brasileiro por mais de 50 anos. Aqui esteve conosco este tempo. Ainda ouço a voz rouca e forte dele dizendo: Avante, companheira, porra!

Kiki Givigi